Afroindigenismo e confluências:

Discussões e compreensões sobre identidades ditas emergentes no nordeste brasileiro

Palavras-Chave: CONFLUÊNCIAS, AFROINDIGENISMO, IDENTIDADE

Autores(as):

VY MOTTA FERREIRA, IFCH - UNICAMP

Prof. Dr. JOSÉ MAURÍCIO ARRUTI (orientador), IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido como Nêgo Bispo, escritor, ativista e mestre quilombola falecido em 2023, em seu livro "A terra dá, a terra quer" (2023) nos propõe um jogo com as palavras, uma contra-colonização do saber a partir da ruptura com aquelas que encaramos com naturalidade para a utilização de outras tão potentes quanto. Pensar confluência para além dos saberes, mas também das identidades é compreender que, assim como rios que se encontram e confluem, estas não são imutáveis e nem apagadas quando de alguma forma se entrelaçam e coexistem: elas são feitas de movimento que se elaboram e se reescrevem constantemente, com o que veio antes somado com o que veio junto e o que virá depois, sem deixar de ser pois já é em si, enquanto também se faz.

O objetivo desta pesquisa foi compreender as confluências entre identidades afro e indígena no Nordeste brasileiro, tanto no plano dos povos que se "misturaram", quanto no plano da sua comunicação e trocas políticas, simbólicas e cosmológicas. Tal processo foi elaborado por meio de uma revisão bibliográfica sobre a questão afro-indígena ou afroindígena no Nordeste, nos campos da Antropologia, da História e da Educação, tendo em vista um estudo do tipo "estado da arte", pensando no número de produções acadêmicas que se utilizaram destes termos em suas pesquisas.

METODOLOGIA:

A proposta inicial de busca por materiais e métodos referente ao projeto era que a metodologia do projeto consistisse na pesquisa e seleção dos materiais, a partir da busca pelos termos "afroindígena" e "afro-indígena" no catálogo de dissertações e teses disponíveis no banco da CAPES e na Biblioteca

Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), assim como no catálogo do Scielo e Google Acadêmico.

Tendo este primeiro passo sido feito, ao compreender que diversas áreas e discussões poderiam se utilizar do termo em seu desenvolvimento, seriam privilegiados trabalhos nos campos da Antropologia, da História e da Educação, com especial atenção àqueles que também fossem de cunho etnográfico. Porém, tendo em mente o tempo de execução limitado e o porte da pesquisa considerando um dos pareceres iniciais dos avaliadores do projeto sobre a reformulação da amplitude da pesquisa, uma melhor circunscrição do que foi proposto referente ao uso e manuseio da bibliografia e de sua revisão no que diz respeito a uma iniciação científica, até a finalização da iniciação científica foram computados apenas o volume dos materiais presente em parte das bibliotecas virtuais e as escolhas que poderiam ser feitas a partir de análises quantitativas iniciais.

A primeira escolha foi a de utilizar o repositório de teses e dissertações da CAPES a partir da busca pela escrita dos termos que foram propostos aqui. Assim feito, na busca de cada termo foram filtradas as produções entre dissertações de mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado independentemente das áreas para que se tivesse uma visão geral e então, deste total foi aplicado outro filtro se utilizando das três áreas de conhecimento propostas. Já ao que se refere à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) o processo inicial foi o mesmo, porém, além do que foi explicitado anteriormente, este banco de dados se utiliza de um filtro de buscas mais diversificado quando comparado ao da CAPES, o que acabaria por aumentar muito mais os encontros e amplitudes dos termos de busca, entrando em atrito tanto com as limitações de tempo e o manuseio do volume de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Tentar trabalhar com o tema da identidade lidando aqui com a questão do afroindígena como algo confluente se utilizando da metáfora dos rios, nos serve para compreender sobre a dinâmica, substância e o processo de se compreender os movimentos deste povos e de sua etnicidade dentro da história em contraponto às compreensões mais rígidas e estáticas (CARVALHO; REESINK, 2018) que assim como o Kwame Appiah (2018), nos traz as possibilidades de circulação dos rótulos ao mesmo tempo em coexistência ou que sejam substituídos e reformulados uns pelos outros ao longo do tempo: a mutabilidade das identidades é considerada como um fator que faz com que a discussão sobre a temática possa ganhar e perder corpo.

Tendo em mente a elaboração inicial do que estamos querendo compreender dos usos da identidade em questão, seguindo parte da metodologia proposta ao identificarmos o volume das produções após a discussão mais subjetiva, chegamos em alguns lugares que nos orientam sobre quais

possíveis filtros futuros se utilizar e em quais materiais dar mais atenção. O primeiro deles em questão a ser utilizado foi o catálogo de dissertações e teses disponíveis no banco da CAPES:

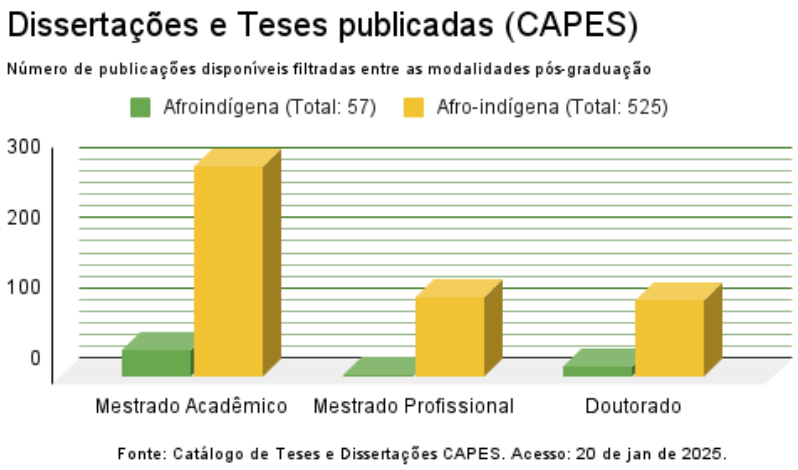

Gráfico 1

Do total de trabalhos que se utilizam do "afroindígena" temos 57 trabalhos entre dissertações e teses, dos quais 37 são do Mestrado Acadêmico, 2 trabalhos são do Mestrado Profissional e 14 deles são teses de Doutorado. Já no segundo caso, temos um boom de publicações notável que se utilizam do termo "afro-indígena", principalmente no que diz respeito às produções de Mestrado Acadêmico com um total de 298 dissertações produzidas, seguidas por 112 produções de dissertações do Mestrado Profissional e 108 já no Doutorado.

Infelizmente não se pôde discutir qualitativamente a diferença entre as produções que se utilizaram dos diferentes termos e se seus respectivos conteúdos seriam pertinentes para o debate da identidade tanto do que se tem entendido sobre ela quanto do que foi produzido. Creio que cabe elucidar também a amplitude da utilização do termo em um país extenso como o Brasil e com encontros e desencontros entre negros em diáspora e indígenas da colonização até os dias atuais, que pode nos fazer supor a partir do gráfico anterior as possibilidades de comparação entre **um e outro** e não no que a pesquisa tentou abordar aqui no que diz respeito a uma **identidade confluente, que se faz em si**.

Dentre as publicações encontradas, considerando dissertações e teses, foi criado um segundo gráfico que aborda as produções divididas entre os filtros das três áreas de conhecimento, a saber, Antropologia, História e Educação:

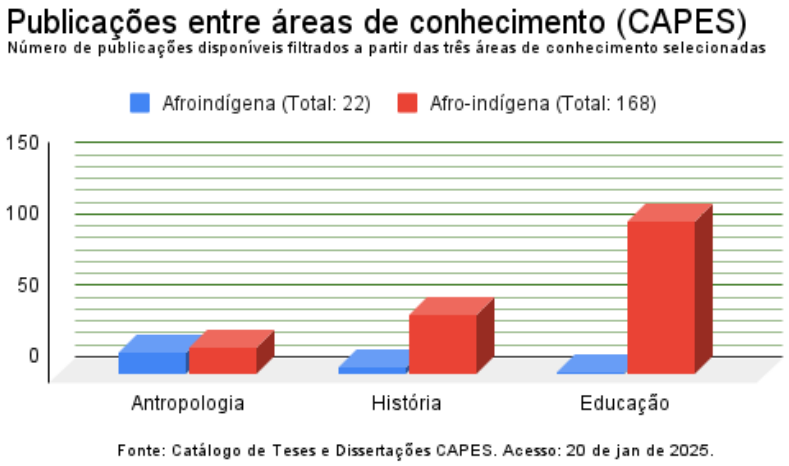

Gráfico 2

Do total de trabalhos que se utilizam do "afroindígena" temos 57 trabalhos como dito anteriormente, dos quais 15 estão relacionados ao campo da Antropologia, 5 trabalhos ao campo da História e 2 ao campo da Educação. Já no que diz respeito ao uso de "afro-indígena" continuamos com os 525 trabalhos totais, sendo 19 no campo da Antropologia, 42 no campo da História e, novamente, um boom de publicações, desta vez dentro do campo da Educação com um total de 107 trabalhos.

Por ser da Antropologia, tenho uma tendência forte em considerar em um primeiro momento os trabalhos antropológicos e que se utilizam da configuração "afroindígena" tanto para compreender se existe alguma formulação ou experiência de cunho etnográfico que dê o embasamento necessário para o que estou tentando discutir enquanto *confluente* e que possa me orientar talvez por caminhos que ainda não os acessei, a partir de tais produções. Mas como ignorar o quase sinal de exclamação presente no gráfico quando pensamos nas produções da área da Educação?

Talvez seja um sinal interessante a se pensar no momento de discutir a identidade dos sujeitos aqui trabalhada como um campo em que tantas produções de pós-graduação tem os abordado. Surgem questões para se pensar: O que estão trabalhando? Estão pensando no ensino mas também em identidade? Qual movimento vem antes ou sustenta tais trabalhos? Será que alguma destas produções estão pensando de forma confluente? Ou binárias e separatórias? Acredito que estes questionamentos sejam pertinentes para o que vai se seguir desta pesquisa, como será apresentado mais à frente.

Como fazia parte da proposta inicial mas que não se seguiu em diante tanto pelo novo recorte da pesquisa quanto por sua interrupção para ingresso no Mestrado em Antropologia em 2025, trago aqui parte da busca feita na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT):

Como descrito durante o momento da explicação da metodologia, os filtros seguintes como os que foram utilizados na CAPES eram muito mais ramificados, além de um volume muito menor de

produções presentes já na primeira busca. O que me colocou uma questão de como prosseguir na metodologia, se seria mais pertinente me voltar principalmente para o banco de publicações da CAPES e desconsiderar o segundo - ou outros que pudessem a ser elencados-, o que já daria um trabalho extenso e revisão e busca por uma coerência do que se tenta trabalhar aqui se utilizando dos 57 trabalhos que abordam o tema ou até mesmo - considerando filtros posteriores - dos 525 trabalhos do Gráfico 1, ou dos que foram apresentados no Gráfico 2.

CONCLUSÕES:

A presente discussão do trabalho foi se demonstrando como parte de uma agenda de pesquisa maior, pois escancara como a utilização dos termos aqui propostos como ponto de partida para sua elaboração são extensamente utilizados nas áreas selecionadas e que podem nos orientar para um denate ainda em curso. Os questionamentos se seguiram e aprofundaram sobre o que se tem produzido a partir do estudo do estado da arte, e incluo um sobrevoo da discussão teórica que se prossegue para meu Mestrado enquanto parte desses aprofundamentos.

Como a discussão sobre identidade que aqui se colocou pode confluir com muitos espaços teóricos, tentei elaborar um discussão que diz respeito tanto sobre a identidade afroindígena quanto ao que pode se conectar a ela, como os debates do Eu, da negritude, da etnicidade e do racismo nas autodeterminações por acesso a direitos que são negados ou então encarados como não essenciais aos sujeitos que habitam tais rios, da relação com suas identidades, com o território e suas ancestralidades diante de um sistema colonial e hegemônico quando falamos de povos tradicionais.

BIBLIOGRAFIA

APPIAH, Kwame Anthony. 2018. **Identidade como Problema**. In: SALLUM, Brasilio Jr. et al. (Orgs). Identidades. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2018. p. 17-32

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA. 2023.

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 20 jul. 2025**.**

CARVALHO, Maria Rosário de; REESINK, Edwin B. **Uma etnologia do Nordeste brasileiro: balanço parcial sobre territorialidades e identificações.** BIB, São Paulo, n. 87, 3/2018, pp. 71-84. Dezembro de 2018. DOI: 10.17666/bib8704/2018